

Porque é que o Terceiro Segredo é agora mais importante que nunca

Estamos debaixo de ataque! Para nos defendermos, devemos conhecer todo o Terceiro Segredo

A maior parte deste número é sobre os meios espirituais de salvação e de paz que Jesus e Maria Santíssima nos oferecem, neste tempo de grande perigo para as nossas almas e as nossas vidas. O Padre Kramer mostra neste artigo a ligação existente entre o aspecto espiritual de Fátima e os aspectos geopolíticos e temporais, à escala mundial, da Mensagem de Fátima. O Grande Segredo de Fátima é a chave para resolver os grandes problemas internacionais dos nossos dias. Os problemas financeiros, políticos, diplomáticos, militares e económicos, tanto à escala mundial como a nível local, resolvem-se com o Segredo de Fátima na sua íntegra. A razão por que assim é, e a razão por que isto não foi ainda compreendido, estão explicadas no Terceiro Segredo – naquele texto que, até agora, tem sido escondido dos fiéis pelo Cardeal Bertone. Aqui, o Padre Kramer clarifica estes temas básicos.

O Segredo de Fátima é necessário para que os fiéis (que agora estão na mira de fogo dos seus inimigos) e a Igreja acordem para a guerra que já está sendo travada mas que a maioria não vê, porque caíram na gestão da percepção que os nossos inimigos continuamente apresentam.

pelo Padre Paul Kramer, M.Div., S.T.L. (Cand.)

**“A Maçonaria é implacavelmente oposta ao Deus transcendente.” –
Padre Dennis Fahey, nas aulas, aos seus alunos**

No livro *A Arte da Guerra*, Sun Tzu declarou o seguinte, como sendo o princípio básico da sua doutrina sobre a guerra: “Toda a guerra se baseia no engano.” Mais importante do que a estratégia no campo de batalha – tácticas militares, preparação logística e armamentos, é o emprego bem sucedido da doutrina do engano – e isso consegue-se por meio da invisibilidade.

Quando se atinge a invisibilidade, um vasto exército pode atacar e intervir numa batalha sem que o inimigo saiba sequer que está a ser atacado até que seja tarde demais para fazer seja o que for, a não ser render-se ou ser chacinado – assim se alcança a vitória contra o inimigo, como diz Sun Tzu, como “pedregulhos que rolam por uma montanha abaixo e caem sobre cascas de ovos.” E os ovos somos nós.

A guerra sem quartel aproxima-se agora do seu clímax

A guerra sem quartel pelo domínio global está a ser travada presentemente, e tem vindo a ser travada a uma escala global desde o Século XVIII, aproximando-se agora do

seu clímax – mas a maior parte da humanidade parece não dar por isso e desconhecer a ameaça mortal que ela representa.

Muitos dos que dão por ela têm uma compreensão profundamente defeituosa da sua natureza, como aqueles que, no século passado, foram influenciados pelos Nazis a acreditar que o poder maligno que ameaçava dominar o mundo e que era preciso combater a qualquer custo e derrotar eram os Judeus – ou como aqueles que, nos dois últimos séculos acreditaram que era o Bolchevismo, o Império Britânico, o Fascismo, o Capitalismo ou o Imperialismo Americano.

Os que estão a par dela geralmente têm uma compreensão defeituosa dela porque a sua compreensão foi formada a partir da influência tendenciosa da comunicação social e de um sistema educativo que foi, por sua vez, inquinado por ideologias.

O propósito duplo das falsas ideologias

A atracção e o perigo destas Ideologias é elas não serem nunca totalmente falsas ou totalmente más – o que elas são é uma caricatura da verdade, que foi fabricada por interesses que procuram apresentar uma imagem forjada da realidade, de modo que as soluções que oferecem sejam vistas de modo favorável e aceites pelo público em geral.

Tal imagem forjada serve o duplo propósito de oferecer uma explicação fácil de aceitar para os acontecimentos que estão a desenrolar-se no mundo, enquanto que, ao mesmo tempo, escondem os verdadeiros motivos, objectivos e identidade dos seus criadores sectários.

Os chefes ideológicos predadores dos grandes movimentos políticos destrutivos não poderiam ter sido tão extraordinariamente perigosos e infligir estragos tão grandes se não fosse pelo facto de, antes de serem perpetradores, foram vítimas das ideologias que os consumiram – ideologias que foram organizadas pelos seus senhores e foram-lhes dadas (ou aos seus mentores) como alimento nas Lojas e nos locais de encontro das sociedades secretas que lhes forneceram apoio oculto durante a sua ascensão ao poder.

Todas estas ideologias são fruto da mesma árvore do Mal

Os ideólogos sempre juram inimizade eterna às individualidades das ideologias rivais, mas as ideologias são, na realidade, muito mais relacionadas umas com as outras do que os seus dirigentes geralmente anunciam ou até mesmo admitem. “Comunismo, Fascismo, Nazismo ...” – explica Zbigniew Brzezinski – são “genericamente aparentadas, historicamente ligadas e politicamente bastante semelhantes.”¹ Depois de ter acordado um pacto de não-agressão com Stáline em 1939 com o Tratado de 23 de Agosto de 1939, Hitler, criticado pelos militantes de base do Partido Nazi, houve por bem defender essa iniciativa declarando, numa reunião com os Gauleiters, que “O Comunismo e o Nacional Socialismo são essencialmente a mesma coisa.”²

Portanto, Brzezinski não exagerou quando escreveu, ao descrever a guerra entre a Alemanha Nazi de Hitler e a Rússia Soviética de Stáline, que era “uma guerra fratricida entre dos ramos de uma fé comum.”³ As outras ideologias acima mencionadas – o Fascismo, e o Imperialismo Britânico e Americano (que se juntaram num neo-Fascismo Anglo-Saxónico personificado no Neo-Império Anglo-Americano⁴) – não são menos relacionadas com as outras – todas elas partilham uma ascendência comum, todas são pseudo-messiânicas, e todas são rebento e fruto da mesma árvore do Mal.

A Besta que usa mil máscaras

Essa árvore do Mal é uma hidra de muitas cabeças – uma besta que usa mil máscaras. Ousa apresentar-se falsamente como judaica (*Apoc. 2:9*) mas, na realidade, germinou da semente dos adversários mais antigos do Judaísmo e do povo judaico (*1 Reis 18; Ester; Judite; 1 e 2 Macabeus*), infiltrados na comunidade judaica antiga (*Ezequiel 7, 8*), e que está representada simbolicamente no Génesis pela imagem da Torre de Babel.

Se quisermos fazer uma ideia da verdadeira natureza da luta, devemos saber a resposta à pergunta: “Quem é o inimigo?” Encontraremos a resposta a esta pergunta repetidas vezes, tanto no Antigo como no Novo Testamento das Sagradas Escrituras. Da própria luta nos falou o nosso Divino Salvador, nos Seus discursos sobre os últimos tempos, e é revelada e predita profeticamente nos diversos textos escatológicos das Sagradas Escrituras. O inimigo é o “Mistério de Iniquidade” (*2 Tess. 2:7*) que opera nos tempos modernos na seita da Maçonaria. Como uma entidade geopolítica organizada, a ela se referem ambos os Testamentos como sendo ‘Babilónia’. (*Isaias 21:9; Apoc. 14:8; 16:9; 17:5-6; 18:2; 18: 9-10, 21*). Se quisermos saber como derrotar semelhante inimigo, encontraremos a resposta no Segredo de Fátima.

Temos de recuperar a nossa vista

Ainda há poucos meses, falei com um Arcebispo do Vaticano que pensava que não havia nenhuma razão séria de preocupação sobre a possibilidade de haver uma outra Guerra Mundial. Segundo a sua maneira de ver, haveria alguma preocupação legítima sobre o terrorismo, e mencionou mesmo a al-Queda, mas não via nenhuns desenvolvimentos geopolíticos mais importantes que ameaçassem a paz no mundo. Eu repliquei, dizendo que era interessante ele ter mencionado a al-Queda, porque essa organização foi criada pela CIA com a ajuda dos serviços secretos de outros Estados [nações]. O Arcebispo ficou absolutamente incrédulo – foi como se eu lhe tivesse dito que Vladimir Pútín era um extraterrestre, cujas forças armadas estavam prontas para atacar a terra a partir do lado oculto da lua.

A reacção do Arcebispo era um reflexo condicionado, como o reflexo condicionado dos cães de Pavlov – treinados por ‘gestão de percepção’ para não verem os actos hostis e a presença do inimigo que actua abertamente. Ele, e muitos outros como ele, ficaram como que cegos, como os nativos da Tierra del Fuego, na América do Sul, que nunca antes tinham visto grandes navios de guerra e, por isso, não conseguiram dar

conta da sua presença nem compreender o perigo dos navios de guerra espanhóis, prestes a atacar nas águas mesmo em frente dos seus olhos. Se quisermos recuperar a vista, não devemos consentir que seja o Governo ou a comunicação social a pensarem por nós; devemos empregar os nossos poderes intelectuais para analisar os factos e as realidades que estão à nossa frente.

A guerra é contra nós!

Se pudermos evitar as ideias produzidas por reflexos condicionados, examinar as evidências e sujeitar tudo a uma análise crítica, não levará muito tempo até podermos dar-nos conta de como são absurdas as conclusões que estamos constantemente a ser induzidos a aceitar, e a compreender que há, de facto, uma guerra a ser combatida à escala global; mas não é uma ‘Guerra contra o Terror’ a ser travada contra grupos terroristas na sombra, apoiados por militantes de regimes islâmicos ou comunistas, mas contra nós – contra todos nós – para construir um Governo global – uma política de estado perversa e fatora de genocídios, anti-cristã, anti-judaica, anti-muçulmana, anti-Deus.⁵

O primeiro passo que devemos dar para chegar à compreensão certa da verdadeira natureza da actual crise global é pôr de lado os preconceitos e repensar o problema. Como sempre, para resolver uma questão difícil devemos estar dispostos a repensar um problema, por mais firmemente estabelecida que esteja a nossa convicção.

Esta foi uma das lições mais valiosas que aprendi como estudante de Filosofia no Angelicum, quando o nosso professor, o respeitado erudito dominicano Klemens Vansteenkiste, O.P., explicou na aula que S. Tomás de Aquino repensava sempre um problema que lhe fosse proposto, por mais vezes que tivesse dissertado antes sobre ele.

Muitas pessoas bem intencionadas são prisioneiras de mentiras da propaganda e da sua própria mentalidade preconceituosa

A maioria das pessoas não está disposta a fazer isto, e o resultado é que as suas mentes ficam prisioneiras das suas convicções – convicções estas que não são fruto de análise baseada em evidência sólida, mas o resultado acrítico de ideias geradas por um hábito intelectual arreigado que os dispõe a aceitar premissas baseadas em evidência parcial, cuidadosamente pré-escolhida e absorvida por eles, e, por essa razão, sem apoio firme em evidência factual estabelecida. Devemos re-instruir-nos para neutralizar esse hábito, e insistir em examinar cuidadosamente a evidência por nós próprios – o que quer dizer pesquisar e investigar, em vez de confiar em evidência pré-escolhida que nos é apresentada pelo Governo e pela comunicação social, que estão ambos efectivamente sob o controlo da elite financeira no poder.

As conclusões devem, mais uma vez, ser objectivas – baseadas inteira e exclusivamente numa análise racional da evidência, e não sujeita à influência de pressões políticas, sociais ou financeiras. A objectividade requer que ouçamos com justeza um

argumento e a evidência a seu favor, e julgar apenas com base na evidência. A verdade é o conhecimento da realidade baseada em premissas que são: a) reveladas infalivelmente, b) evidentes por si próprias, ou 3) rigorosamente demonstradas.

Se confiamos num hábito mental que aceita, sem espírito crítico, as premissas apresentadas pela comunicação social, pelo Governo, pelas instituições de ensino ou por outras fontes preconceituosas; ou se permitirmos que a pressão social ou as considerações financeiras influenciem indevidamente o nosso pensamento, é garantido que não chegaremos à verdade objectiva sobre as coisas que têm a maior importância para a humanidade.

Quem rejeitar um argumento, devido a ter sido condicionado a desprezar uma ideia ou a pessoa que o apresenta, é prisioneiro da sua própria mentalidade preconceituosa e é incapaz de um julgamento crítico que o leve a atingir a verdade objectiva.

Quer seja por vaidade ou por interesse, mas sempre para se manter dentro dos parâmetros seguros das normas socialmente aceitáveis, a tendência das pessoas ‘normais’ é rejeitar, acriticamente e por sistema, as convicções e argumentos daqueles a quem a ‘sociedade’ foi condicionada para designar como estando fora da amplitude normal.

Viver a mentira para evitar consequências indesejáveis

Ficam em risco a carreira, a reputação e o nível social na comunidade, e isto é muito mais importante do que determinar a resposta à pergunta: “*Quid est veritas?*” [“O que é a verdade?”] Para tais pessoas, viver uma mentira é o preço aceitável, pago de boa ou de má vontade, para evitar consequências que possam ter um impacto negativo nas suas vidas. Para tais pessoas que parece não se darem conta de que, gradualmente, a sua própria Fé Católica e as suas crenças sociais conservadoras estão, a um ritmo cada vez maior, a ser consideradas como estando fora da amplitude normal,⁶ a verdade do Segredo de Fátima será muito mais do que poderão absorver.

O Segredo de Fátima foi conservado inteiramente escondido durante mais de meio século e, então, só a parte considerada mais ‘politicamente correcta’ foi revelada, a 26 de Junho de 2000. Quando, em Novembro de 1984, foi publicada a entrevista do Cardeal Joseph Ratzinger, foi dada a chave que dava acesso ao conteúdo essencial do Segredo.

O Cardeal Ratzinger ligava o conteúdo do Segredo às ‘últimas coisas’ (isto é, aos textos escatológicos das Sagradas Escrituras) e às Mensagens do Céu dadas em diversas aparições marianas. O que o Segredo de Fátima revela é o “Mistério de Iniquidade” de que S. Paulo já falou há perto de dois mil anos, como estando “já a trabalhar entre nós.” (2 *Tessal.* 2: 7).

Quando começamos a aperceber-nos da natureza e gravidade deste mistério e das suas ramificações geopolíticas, não temos problema algum em compreender por que

razão o Papa João XXIII empalideceu e quase desmaiou depois de abrir o envelope que continha o Segredo, e de ler as cerca de vinte e cinco linhas de texto.

Nem o Papa João XXIII pôde enfrentar o Segredo; por isso, tornou a pô-lo no envelope e mandou que o voltassem a selar. Não é mistério, pois, que os mortais menos qualificados também não o possam enfrentar. Já não há qualquer desculpa. Cinquenta anos se passaram desde então e o texto do Segredo, as “palavras que Nossa Senhora confiou como um Segredo aos três pastorinhos”,⁷ ainda não foi revelado – mas os acontecimentos de que falou Nossa Senhora começaram já a tomar forma. É muito boa altura de enfrentar a verdade apresentada no Segredo, em vez de a enterrar.

É muito boa altura de o aceitar e de agir de acordo com ele, antes que os acontecimentos horrendos e cataclísmicos preditos no Segredo e nas Sagradas Escrituras nos ultrapassem e tornem a maior parte da Terra num vasto cemitério.

NOTAS:

- (1) Zbigniew Brzezinski, *The Grand Failure*, London, 1990, p. 7.
- (2) A citação foi feita numa conferência de 1971 (a que assisti), feita no Texas pelo Prof. Percy Greaves, que tinha em sua posse na altura dossiers históricos copiosos. Greaves foi o secretário da investigação da minoria do Congresso americano sobre o ataque a Pearl Harbor, e viveu em França durante o período que levou à Segunda Guerra Mundial.
- (3) *The Grand Failure*, p. 7.
- (4) Christopher Story explicou que os Estados Unidos, “como a continuação oculta da União Soviética, constituem, também, inerente e historicamente, um poder revolucionário. E tem adoptado uma arrogante mentalidade expansionista e uma agenda de revolução mundial que se está a tornar quase tanto uma ameaça para a paz mundial do que o comportamento abertamente predador à escala global da URSS sob Leonid Brezhnev.” (Christopher Story, em *Soviet Analyst*, Julho-Agosto de 2002) Este *Americanismo* é a ideologia por detrás das políticas expansionistas e militaristas do *Imperialismo Americano*. A maior parte dos Americanos (como explica John Pilger na sua conferência *Governo Invisível*) e daqueles que são muito influenciados pela comunicação social e cultura americanas, não se apercebem, graças à ‘gestão de percepção’ praticada contra o público pela comunicação social controlada pelas grandes empresas, da sua existência e dos seus objectivos malévolos. O *Anti-Americanismo* que prevalece na América-Latina, nos países asiáticos e islâmicos, etc., e ainda, em menor grau, na Europa, está dirigido contra esta entidade predadora e a ideologia que lhe dá apoio. Não é, na sua essência, um ódio racial aos americanos brancos, aos americanos em geral ou à cultura americana; mas conduz a isso muitas vezes, devido aos excessos do domínio político e económico americano, à opressão de outras nações e à agressão militar contra outras nações que, antes deles, tinham marcado a opressão e as predações dos antigos Soviéticos e do Império Britânico. John Pilger observa: “Durante toda a minha vida, a América esteve constantemente a travar guerras contra grande parte da Humanidade: e empobreceu grandemente os povos, nos lugares afectados.” [2001] (na Wikipédia). Tal situação não mudou com o governo de Obama, como John Pilger expressou tão adequadamente “Ninguém sabia o que representava a nova marca. Tão bem feita foi a

publicidade (75 milhões de dólares, um recorde, foram gastos só em anúncios na televisão) que muitos americanos acreditavam realmente que Obama partilhava da oposição que sentiam às guerras de Bush. Na realidade, tinha apoiado repetidas vezes as aventuras guerreiras de Bush e o seu financiamento pelo Congresso. Muitos americanos também acreditaram que ele era o herdeiro do legado de anti-colonialismo de Martin Luther King. Mas se Obama tinha algum lema, além do vácuo ‘Mudança em que pode acreditar,’ era a renovação da América como um agressor dominante e avarento. ‘Nós seremos os mais poderosos’ – declarou ele muitas vezes.” (2009) Se o Leitor precisa de mais para se convencer da natureza imperialista do Americanismo, então deve ler: *Rebuilding America 's Defenses*, pelo Projecto para o Novo Século Americano, e ainda *The Great Chessboard*. de Zbigniew Brzezinski (um dos mentores de Obama)

- (5) John Pilger: “Não há Guerra ao Terrorismo; é o Grande Jogo acelerado. A diferença é a natureza rampante da superpotência, o que assegura perigos infinitos para todos nós.” (2002) cf. Wikipédia, verbete ‘John Pilger’.
- (6) Em *Dogma Bites Man*, publicado pela primeira vez em *Touchstone* (Dezembro de 2005), George H. Gallup, citando exemplos específicos (*The Guardian*, *Los Angeles Times*, etc.), chama a atenção para a prática crescente da imprensa secular em atacar a religião, por ser socialmente perigosa. Num artigo de 2006, Thomas E. Woods Jr. refere-se a um relato em *Zenit* (que eu, pessoalmente, me recordo de ter lido na altura) que indica exemplos específicos da tendência do *establishment* secular para pôr as culpas finais sobre a religião como tal (especificamente a exclusividade e o dogma), e não apenas sobre a militância islâmica, como a causa de derramamento de sangue e das guerras religiosas. Woods relata como “Sam Harris argumentou em *The Times* de Londres que ‘doutrinas religiosas incompatíveis’ tinham causado divisões terríveis no mundo, e que estas divisões tornavam-se, por sua vez, uma fonte contínua de derramamento de sangue.” Harris concluiu mais adiante: “Se a guerra religiosa alguma vez se tornar impensável para nós, da mesma maneira que a escravatura e o canibalismo parecem estar a ser, será um caso para pôr de lado o dogma da fé.” A Maçonaria procura provocar e fomentar discórdias e violência entre religiões e culturas, e então propõe as suas próprias soluções sem Deus como um remédio e receita para a paz, unidade e progresso. (Os artigos de Gallup e Woods aparecem no site da Internet do *Catholic Education Research Center*.)
- (7) *Comunicado à imprensa do Vaticano*, 8 de Fevereiro de 1960.